



PORTUGAL
PRESIDÊNCIA

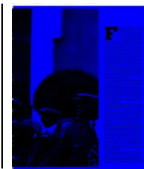
Regresso ao passado

A visita oficial a Angola é, para Cavaco Silva, uma espécie de retorno a tempos felizes. Ali esteve, em 1991, era primeiro-ministro de Portugal, a patrocinar a assinatura dos Acordos de Paz. Dezanove anos depois, continua a haver uma certa euforia no ar

POR SÓNIA SAPAGE TEXTO E LUCÍLIA MONTEIRO FOTOS, ENVIADAS ESPECIAIS



À CHEGADA «Ideologias à parte», garante o embaixador António Monteiro, Cavaco e Eduardo dos Santos são ambos «muito pragmáticos». Esta visita demonstra-o, nos detalhes



Foi preciso esperar dois dias para Cavaco Silva ter o seu banho de multidão, na capital angolana. A viagem de cinco dias à ex-colónia, que termina esta sexta-feira, 23, já tinha deixado para trás vários contactos institucionais, a inauguração de uma fábrica de cerâmica da Novicer, passagens pela Universidade Agostinho Neto e pela Feira Internacional de Luanda e até a visita a uma exposição de fotografia. É possível que a promessa de juntar 1 700 pessoas no Complexo Hoteleiro da Endiama – uma casa mais conhecida por CHE e que era para pertencer a José Eduardo dos Santos – não tenha sido totalmente cumprida. Certo é que muitos angolanos quiseram cumprimentar o Presidente português. Aqui, Cavaco é recebido como amigo. E não só pelos portugueses.

Em poucas visitas oficiais do Presidente da República (PR) o primeiro dia foi tão importante como nesta. Cavaco Silva e o seu homólogo angolano reuniram-se ainda durante a manhã de segunda-feira, dia 19, a fim de tentarem encontrar uma saída para dois obstáculos ao bom relacionamento entre os dois países: as dívidas de empresas angolanas e a dificuldade na obtenção de vistos.

Não se pode negar que Cavaco tem um jeito especial e antigo para lidar com José Eduardo dos Santos (JES). Para começar, estava previsto que a reunião entre ambos fosse apenas protocolar e rápida, seguida de um encontro entre comitivas (esse, sim, para debater problemas pendentes) – mas durou uma hora. Depois, esperava-se que fosse aquele grupo alargado, composto por governantes e assessores das duas partes, a apresentar as soluções finais para os casos em apreço – na verdade, as soluções foram-lhes apresentadas pelos próprios presidentes. E, finalmente, Cavaco ainda conseguiu levar JES a assumir a despesa das decisões, estabelecendo prazos e critérios para os pagamentos em atraso e aceitando a criação de um grupo de trabalho para agilizar a emissão de vistos.

«Falámos do atraso que se verifica no pagamento de algumas dívidas e definimos critérios para o seu pagamento. As dívidas às PME serão pagas integralmente», garantiu José Eduardo dos Santos, ►



PORTUGAL PRESIDÊNCIA

► acrescentando que o prazo para saldar estas dívidas será de dois meses. Sobre o dinheiro devido às maiores empresas, o Chefe de Estado angolano disse que a primeira tranche, de 40%, vai ser paga o mais depressa possível e o restante saldado nos próximos um ou dois anos.

Pela primeira vez, JES deu também a conhecer o valor total das dívidas angolanas. «O montante global é de 6 800 milhões de dólares e talvez 30% dessa fatia corresponda a credores portugueses», disse o Presidente angolano.

No mesmo encontro, ainda firmaram outro compromisso: o da criação de um fórum de Parceria Estratégica. Quando este acordo estiver regulamentado, Portugal tornar-se-á no segundo país, a seguir ao Brasil, a ter cimeiras bilaterais com Angola.

EM DIRETO OU EM DIFERIDO

Escusado será dizer, e por mais estranho que pareça aos portugueses, que as declarações dos dois presidentes passa-



Empresas Armada lusa

Depois da banca, construção civil e telecomunicações, a aposta é agora na indústria e na distribuição alimentar

BANCOS

Banco Millennium Angola (BMA)

Com 29 balcões em dez províncias, tem como acionistas locais a Sonangol (29,9%) e o Banco Privado Atlântico (20%). Para o seu fundador, o Millennium-bcp (50,1%), o banco angolano tem um peso reduzido nos lucros

Banco de Fomento de Angola (BFA)

Dono da maior rede de agências (120), a sua quota de mercado, tanto no crédito como nos depósitos, atinge 20% do total. Representa 60% dos lucros do BPI, que em 2009, abriu mão de 49,9% do capital a favor da Unitel angolana, de Isabel dos Santos, filha do Presidente angolano

Banco Caixa Geral Totta de Angola (BCGTA)

Constituído há um ano, em parceria com a Sonangol (25%) e outros investidores locais, tem como acionistas de controlo a Caixa Geral de Depósitos e o espanhol Santander Totta, que em conjunto detêm 51% do banco

Banco Espírito Santo Angola (BESA)

Desde dezembro que o banco fundado em 2002 pelo Grupo Espírito Santo (51,9%) conta com um novo sócio: a empresa Portmill, alegadamente controlada pelo general Hélder Vieira Dias «Kopelipa», com 24 por cento. Isabel dos Santos, através da holding Geni, é outro dos acionistas, com 20 por cento

CONSTRUÇÃO

Soares da Costa

Realiza 35% do volume de negócios através da filial angolana, que faturou 327 milhões de euros no ano passado

Mota-Engil Angola

Está em Angola em associação com a Sonangol, Banco Privado Atlântico e o empresário Stanley Ho, e é nesse mercado que realiza 20% da sua faturação (420 milhões de euros). Entrou recentemente no setor dos resíduos

Teixeira Duarte

Está presente na construção e imobiliário, mas também na hotelaria e no retalho alimentar. Em 2009, Angola gerou um volume de negócios de quase 500 milhões

Edifer Angola

Em parceria com o grupo angolano Gema, em 2009, faturou cerca de 200 milhões em Angola

ENERGIA

Galp Energia

Presente em quatro blocos offshore, tem também uma parceria com a Sonangol para a distribuição de combustíveis líquidos e lubrificantes. Em fase embrionária, está a participação num futuro terminal de gás natural

EDP

Tem um acordo com a Sonangol e o Banco Privado Atlântico para o desenvolvimento de projetos na área da energia

TELECOM

Unitel

A Portugal Telecom tem

25% do operador móvel angolano controlado por Isabel dos Santos e pela Sonangol, com 5,7 milhões de clientes

Visabeira

A partir de Luanda, avançou para Benguela, Lobito e Lubango na área das infraestruturas de telecomunicações. Tem presença na hotelaria, na restauração e também na TV Cabo Angola, concorrente da Zon

Zon

Lançou recentemente a Zap, em parceria com Isabel dos Santos, subcrevendo uma posição de 30% no capital

CERVEJAS

Unicer

Tem em curso um investimento de 120 milhões de euros no Bengo, com



POSE Cavaco Silva e José Eduardo dos Santos antes do encontro que resolveu o impasse dos pagamentos angolanos às empresas nacionais

ram, na íntegra e em direto, no canal estatal de televisão de Luanda. Sem interrupções. E foram repetidas, sem cortes, no jornal televisivo da hora do almoço – o mesmo já não aconteceu com a conferência de imprensa que se seguiu.

Sempre sintonizados, Cavaco Silva e José Eduardo dos Santos mostraram que a história os une, independentemente das convicções políticas de cada um, coisa que, aliás, já se tinha vislumbrado na primeira visita de Cavaco, em 1991. Essa passagem por Angola tornou-se num momento mítico para o Presidente português e criou grande expectativa para a viagem que ainda decorre. Não é fácil de superar a imagem da visita de há 19 anos, durante a qual Cavaco foi presenteado com uma faixa onde se lia «Anfitrião da paz».

Com honras de acontecimento nacional, nas televisões e rádios, essa visita foi

a primeira de um chefe do Governo a Angola, desde a independência, e começou a 3 de Setembro de 1991. À chegada, o *Jornal de Angola* – único diário existente, na altura, em Luanda – concedeu tratamento VIP ao primeiro-ministro: «Bem-vindo Cavaco!», dizia a manchete, em letras gordas.

O entusiasmo do povo emocionou Cavaco. «Grupos folclóricos entoavam palavras de boas-vindas ao ritmo do merengue, dando especial colorido à receção», descreve o PR na sua autobiografia política. «Toda a gente queria cumprimentar o homem que mais tinha contribuído, nos últimos anos, para a paz em Angola. Até quem estava a trabalhar. Mas não podia ir toda a gente», recorda o embaixador António Monteiro, que passou alguns anos na chancelaria de Luanda.

Os contactos com a população faziam lembrar uma verdadeira ação de campanha, mas fora do País. E há quem diga, hoje, que a visita de Cavaco a Angola, a seis meses das eleições de 2011, não é mais ►

uma capacidade de produção de 100 milhões de litros por ano – quase tanto como a quantidade de cerveja nacional que anualmente é exportada para Angola

Central de Cervejas

Produz localmente a marca Sagres. O mercado angolano representa 70% das exportações da empresa

COMUNICAÇÃO E MEDIA

Brandia, Ogilvy, Laranja Mecânica, Y&R, são algu-

mas das agências que trabalham as marcas locais e acompanham a internacionalização das marcas lusas naquele mercado. No negócio da comunicação, a Cunha Vaz & Associados organizou a Taça das Nações Africanas e a LPM tem trabalhado para o Governo angolano. A Bola e o Sol já têm tiragens locais

ADVOGADOS

Barrocas, Rebelo de Sousa, Abreu, Castelo Branco, Pereira de Miranda, PLMJ são

algumas das sociedades recentemente constituídas em Luanda.

OUTROS Escom

É o braço não financeiro do Grupo Espírito Santo para Angola e Congo-Brazaville. É o maior investidor português em Angola e emprega 2 mil funcionários. Os seus interesses vão desde a extração de diamantes, ao petróleo, construção, imobiliário, saúde e pescas. O imobiliário e construção, com 16

projetos em carteira, vale 50% do seu volume de negócios

Sonae e Jerónimo Martins

A Jerónimo Martins adiantou-se e assinou um acordo com a cadeia angolana Score, dona da rede de supermercados Mel, para a prestação de formação e assistência técnica. A Sonae continua a estudar a exportação para Angola do seu conceito de retalho, provavelmente em parceria com Isabel

dos Santos, filha do Presidente angolano

Novicer

A importância desta empresa mede-se pelo peso das personalidades que foram inaugurar a sua primeira unidade fabril em Angola, no dia 20 – Cavaco Silva e José Eduardo dos Santos, os dois ativaram a produção da maior fábrica de cerâmica do país. O investimento de 40 milhões de euros é luso-angolano, mas a maior fatia é da Mota-Engil



PORTUGAL PRESIDÊNCIA

Factos Relação íntima

- Angola foi o 4.º destino das exportações portuguesas, em 2009, em termos mundiais
- Em 2009, foi o maior cliente de Portugal fora da União Europeia
- Há 800 empresas portuguesas em território angolano
- 2 mil empresas portuguesas exportam para Angola
- 10 mil empresas nacionais têm contactos regulares com Angola
- O superavit de Portugal com Angola (balança comercial) é de quase 3 mil milhões de euros
- Angola foi o terceiro país estrangeiro onde Portugal mais investiu, em 2008 (mais de 775 milhões de euros) e em 2009 (557 milhões)
- A população portuguesa em Angola é hoje superior à dos anos cinquenta
- Há 28 mil angolanos em Portugal
- Há 86 364 portugueses registados nos consulados de Luanda e Benguela



BRINDE Num almoço «restrito», e sem o fausto esperado, os presidentes brindaram com champanhe francês Moët & Chandon

de Bicesse, assinados três meses antes. Foi por via destes acordos que Cavaco se tornou «um amigo para a vida» do povo angolano – ele e Durão Barroso, o jovem secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação que ajudou na mediação, durante os 13 meses que levaram ao compromisso de cessar-fogo. O facto, histórico, catapultou o prestígio internacional de Cavaco e levou Durão à pasta de ministro dos Negócios Estrangeiros, meses depois.

«Com Cavaco houve, de facto, uma viagem nas relações com Angola», lembra Marques Mendes, então secretário de Estado da Presidência do Conselho de

Ministros. «Foi considerado um caso inédito, por ter sido um Governo de Direita, digamos assim, a impulsionar o entendimento. Mas lembro-me de se dizer que, ideologias à parte, Cavaco e José Eduardo dos Santos eram ambos muito pragmáticos e foi, sobretudo, essa relação pessoal pragmática que possibilitou o andamento do processo.»

OS CIÚMES DE SOARES

Os Acordos de Bicesse geraram, entretanto, uma minicrise interna, quando Mário Soares, o Presidente da República, fez saber que gostaria de presidir à sua assinatura, no Palácio das Necessi-

do que uma primeira etapa no caminho da recandidatura.

'MON AMI' CAVACO

Há 19 anos, uma outra «manobra» eleitoral quase manchou a passagem pela ex-colónia portuguesa. Tal como desta vez, em que quis ir a Benguela, Lubango e Lobito, Cavaco fez questão de visitar a província e foi-lhe agendado um contacto com a população, em Luena, a cidade que tinha sido alvo dos últimos confrontos sangrentos entre os exércitos da UNITA e do MPLA.

Conta o Presidente na autobiografia: «Quando cheguei à praça deparei com uma multidão de milhares de pessoas, muitas trazidas certamente de fora da cidade e tudo organizado para um verdadeiro comício com tonalidades partidárias.» A presença nesta festa do MPLA valeu-lhe críticas acérrimas. «Na altura, em Angola, tudo era sensivelmente político», explica o embaixador António Monteiro.

Por isso, ou talvez não, o líder da UNITA Jonas Savimbi nunca chegou a sair da Jamba para se reunir com Cavaco, apesar dos vários encontros que ambos tinham tido para preparar os célebres Acordos

Comitiva Quem está com o Presidente?



Trinta e cinco anos depois da independência, o chefe do antigo Estado colonizador deslocou-se a Angola para passar a pasta da presidência da CPLP, que se transfere de Lisboa para Luanda (ver texto pág. 40), mas também para uma visita oficial com «preocupações políticas, culturais, sociais e empresariais», explica Belém. Além dos 130 empresários com viagem marcada no mesmo avião, o grupo que acompanha Cavaco inclui 16 jornalistas, cinco deputados (o BE não vai), um ministro (**Luís Amado**) e dois secretários de Estado – **João Gomes Cravinho** (Negócios Estrangeiros e Cooperação) e Fernando Serrasqueiro (Defesa do Consumidor) – Ana Paula Laborinho (do Instituto do Cinema e do Audiovisual), Álvaro Pinto Correia (do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento), Fernando Regateiro (dos hospitais da Universidade de Coimbra) e **Basílio Horta** (da AICEP). Anacoreta Correia, conselheiro de Estado e presidente da UCCLA, e o embaixador António Monteiro, braço-direito de Durão Barroso durante as negociações de 1991, também estarão em Angola por estes dias.



dades. Intransigente, Cavaco recusou e sugeriu que Soares oferecesse uma recepção aos intervenientes, no Palácio de Queluz, o que veio a acontecer. «Mário Soares queria presidir à cerimónia, enquanto o Governo entendia que devia ser o primeiro-ministro a fazê-lo», assume Cavaco sobre o «conflito», no seu livro. «O Governo achava que era de toda a justiça colher os louros de um trabalho seu e para o qual o PR nada tinha contribuído.»

«Com Cavaco, o Governo (MPLA) ganhou paz e a UNITA eleições [acabaram por acontecer em 1992]», resume António Monteiro. Por outro lado, Portugal ganhou uma ex-colónia de braços abertos, pronta para receber os empresários que iam na comitiva do primeiro-ministro. E eram muitos. «Com ele vinham portugueses que queriam recuperar as suas coisas, fazer investimentos, houve até restituição de bens a quem quis voltar», nota o diplomata.

Dezanove anos mais tarde, ao aterrar no aeroporto 4 de Fevereiro, em Luanda, para uma visita «longa e importante», como a classifica fonte de Belém, o PR dá entrada a 130 empresários. «É verda-

Com Cavaco houve uma viragem nas relações com Angola'

Marques Mendes, ex-líder do PSD

de que já não precisamos de que o PR nos venha abrir as portas do mercado angolano, mas há sempre um certo gelo que é quebrado nestas ocasiões», nota Joaquim Coimbra, empresário português, que aproveitou a boleia.

LUANDA E O INTERIOR

Cavaco Silva não se importa de quebrar o gelo, mas sabe que também é preciso agradar a Angola. E por isso que, nos seus discursos e sempre que pode, o Chefe de Estado português lá vai sensibilizando os empresários para irem ao encontro das prioridades angolanas e para assumirem as suas responsabilidades sociais na formação de quadros, na diversificação dos investimentos e no combate à desertificação do interior.

«A fase de trazer os contentores e levar as kwanzas já passou», afirmou o PR durante uma conversa com os jornalistas,

ainda no voo para Luanda. Essa foi, aliás, a mensagem que passou aos 15 empresários com quem almoçou dias antes de embarcar. Porque por mais atrativo que seja investir numa cidade que cresce imparavelmente e onde nasce um prédio alto e novo a cada esquina, misturado com velharias coloniais a precisar de recuperação ou com musseques escuros e intermináveis, a verdade é que Angola não é só o caos de trânsito ou a vida cara de Luanda.

Angola é igualmente o interior que permanece abandonado por causa da guerra. Cavaco sabe bem que o interior também conta, e sabe-o desde que aqui se estreou, nos anos 60, integrado na sua equipa de atletismo de Lisboa. Nessa altura, o jovem atleta, decidido a correr pelo país, quase literalmente, estava ainda longe de imaginar que a sua história haveria de se misturar com a dos angolanos. E que, um dia, os carros haveriam de buzinar, na baía de Luanda, para festejar a sua eleição como Presidente da República, em 2006. Festa igual, aqui, só quando o Benfica ganha o campeonato. ▣



www.visao.pt Siga as crónicas diárias das nossas enviadas especiais



VISITA
OS DIAS
ANGOLANOS
DE CAVACO SILVA